

A Missão Médica Militar na Primeira Guerra Mundial



GABRIEL FERREIRA CID¹
GABRIEL LOBO FERREIRA¹

RESUMO

Durante os anos de 1914 e 1918, ocorreu o conflito global conhecido como Grande Guerra ou Primeira Guerra Mundial. Em virtude do bloqueio naval, da campanha submarina contra as nações neutras e o posterior ataque aos navios brasileiros pelo governo alemão, o Brasil declarou guerra aos Impérios Centrais, sendo o único país sul-americano a fazer parte do confronto. A entrada do país se deu em 1918, com ênfase para a participação através do envio à França, de uma missão médica. A Missão Médica Militar talvez tenha sido a maior contribuição do Brasil no conflito, possuindo como principais finalidades a fundação e a mobilização de um hospital na cidade de Paris. O Hospital Franco-Brasileiro foi de fundamental importância, uma vez que prestou apoio aos serviços de saúde aliados, atuando com grande destaque na assistência aos feridos no combate e aos pacientes acometidos pela epidemia de gripe espanhola.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial. Brasil. Missão Médica Militar. Hospital Franco-Brasileiro. Gripe espanhola.

ABSTRACT

During the years 1914 and 1918, the global conflict known as the Great War or the First World War took place. Due to the naval blockade, the underwater campaign against neutral nations and the subsequent attack on Brazilian ships by the German government, Brazil made war on the Central Empires, being the only South American country to take part in the confrontation. The entry into the country took place in 1918, with an emphasis on the participation by sending a medical mission to France. The Military Medical Mission was perhaps Brazil's greatest contribution on the conflict, having as its main purposes the foundation and mobilization of a hospital in city of Paris. The Franco-Brasileiro Hospital was of fundamental importance, as it provided support to allied health services, acting with great proeminence in assisting the wounded in combat and patients affected by the Spanish flu epidemic.

Keywords: First World War; Brazil; Military Medical Mission; Franco-Brasileiro Hospital; Spanish flu.

1. INTRODUÇÃO

Em 1914, as principais potências mundiais desencadearam um conflito de dimensões globais, denominado Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Todos os países sofreram com intensidades variáveis, consequências do conflito, muitas das quais ainda presentes. O conflito envolveu interesses tanto econômicos quanto de busca por expansão territorial e dominação de colônias.

O evento desencadeador foi o assassinato em 28 de junho de 1914, do arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro, e da duquesa Sofia de Hohenberg, em Sarajevo, capital da Bósnia-Herzegovina, determinando a ocorrência de um processo que vinha se desenvolvendo na península dos Balcãs desde o início do século XX e que envolvia conflitos de

interesses entre grandes potências europeias (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2021). O cenário do embate ficou dividido entre eixos de alianças, constituídos pela “Tríplice Aliança” (Império Austro-Húngaro e Alemanha) e pela “Tríplice Entente” (Rússia, Reino Unido e França).

Seguindo à Convenção de Haia, o Brasil manteve-se inicialmente neutro frente ao cenário internacional, condição esta defendida pelo então presidente da república Hermes da Fonseca (ZANIER, 2020). Entretanto, a partir de 1917, tal situação mudou, notadamente devido ao posicionamento do governo alemão de bloqueio naval e a campanha submarina contra os países neutros (BRUM, 2015).

Em janeiro daquele ano, o governo brasileiro foi notificado pelo ministro das relações exteriores do Império Alemão, Arthur Zimmermann, sobre o bloqueio marítimo alemão, no qual incluía as regiões costeiras da Inglaterra, França, Itália e região central do mar mediterrâneo (ZANIER, 2020).

No dia 3 de abril de 1917, o navio mercante brasileiro denominado Panamá, pertencente à Companhia de Comércio e Navegação e cumprindo todas as normas impostas, foi torpedeado e afundado por um submarino alemão no canal da Mancha, próximo a costa ocidental da França, resultando na morte de três tripulantes. Tal agressão gerou insatisfação em todo o Brasil, resultando na renúncia do primeiro-ministro das relações exteriores, Lauro Müller, de origem germânica e favorável a continuidade da política de neutralidade. No dia 11 de abril de 1917, o Brasil rompeu relações diplomáticas com o Império Alemão e onze dias depois, revogou oficialmente sua posição de neutralidade e declarou apoio aos Estados Unidos e aliados europeus. Entretanto, somente após o torpedeamento de outros navios nacionais (Tijuca, Macau, Acari, Guaíba e Tupi) e o forte anseio por uma atitude enérgica por parte do governo, o Brasil declarou oficialmente guerra aos Impérios centrais, a partir do decreto nº 3.361 de 26 de outubro de 1917, reconhecido pelo Congresso e de pleno acordo com o executivo (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2017). Cabe ainda destacar o confisco e incorporação à frota nacional dos quarenta e dois navios alemães, os quais permaneciam abrigados nos portos brasileiros desde o início da guerra (DARÓZ, 2016).

O Brasil foi o único país latino-americano a entrar no confronto, na condição de combatente, fato este ainda pouco conhecido e estudado pelo público em geral. Em consonância com o Congresso Nacional, o presidente da república Wenceslau Braz abriu os portos brasileiros aos navios de guerra nas nações amigas e assumiu também a missão de patrulhar o Atlântico Sul, diminuindo os encargos nas marinhas aliadas (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2021).

Dentre os cenários da participação brasileira no conflito, destaca-se a Missão Médica Militar Brasileira como uma das principais contribuições do país no conflito. Esta missão especial partiu do Rio de Janeiro em 18 de agosto de 1918 com destino a França, chefiado pelo médico e deputado federal José Thomaz Nabuco Gouveia, comissionado como Coronel e orientada pelo General Napoleão Aché, estando subordinada ao Comando Único dos Exércitos Aliados. A missão era composta por 86 médicos. Exceto cinco médicos do Exército e cinco médicos da Marinha, os demais foram convocados e comissionados em patentes militares que variavam de coronel a segundo tenente. Integravam-na ainda, 17 estudantes de medicina, 15 esposas de médicos atuando como enfermeiras, 16 outros elementos entre farmacêuticos, pessoal de intendência, secretários e contínuos, bem como 30 praças do exército indicados para constituir a guarda do Hospital Brasileiro, instalado na capital francesa (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2021; CBC, 1918; DIRETORIA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DO EXÉRCITO, 2016).

A Missão Médica Brasileira tinha como objetivos fundar um hospital em Paris, auxiliando os serviços de saúde aliados no tratamento dos feridos em combate. Em concomitância, ocorria a epidemia de gripe espanhola, condição que determinou aumento substancial da importância da missão naquela nação.

O presente trabalho tem como finalidade esclarecer e detalhar a participação brasileira na Primeira Guerra Mundial, ocorrida entre os anos de 1914 e 1918, com ênfase na Missão Médica Militar na França.



2. METODOLOGIA

O presente estudo será desenvolvido com base na pesquisa bibliográfica de livros, artigos e fontes históricas relacionadas ao tema principal.

Quanto à natureza, o presente estudo caracteriza-se por uma pesquisa do tipo aplicada, por ter como finalidade a produção de conhecimentos que tenham aplicação prática e dirigidos à solução de problemas específicos relacionados à participação do serviço de saúde na primeira guerra mundial.

Trata-se de uma pesquisa do tipo qualitativa, uma vez que visa contribuir para uma maior compreensão a respeito do tema, bem como apontar a sua importância.

Quanto aos objetivos, será empregada uma leitura exploratória e seletiva do material de pesquisa, bem como sua revisão integrativa a fim de consubstanciar um corpo de leitura atualizado.

Para o delineamento da pesquisa, foi realizado o levantamento de informações relevantes baseadas em artigos científicos, revistas, livros, fontes documentais das forças armadas, assim como periódicos da época.

Foram utilizados os seguintes termos e palavras-chave: missão médica militar; missão médica militar brasileira; primeira guerra mundial e hospital franco-brasileiro.

a. Critérios de inclusão:

- Estudos e livros publicados em português, inglês e francês.
- Artigos publicados em periódicos com aceitação acadêmica.

b. Critérios de exclusão

- Estudos que não apresentem relação direta com o tema.
- Artigos publicados em periódicos sem reconhecimento acadêmico.
- Estudos que discorrem sobre os demais meios de participação do país no conflito.

3. DESENVOLVIMENTO

A Primeira Guerra Mundial ou Grande Guerra foi um marco na história da humanidade, sucedendo-se entre os anos de 1914 e 1918. No entanto, antes disso, notadamente entre os anos de 1870 e 1914, o mundo experimentava uma grande exaltação, uma vez que ocorriam grandes progressos nos campos econômico e tecnológico.

Após o término da Guerra Franco-Prussiana, em 1871, se deu a unificação dos estados alemães em torno da Prússia, resultando em um rápido crescimento econômico e militar da Alemanha, a qual também assinou diversos tratados de cooperação com as nações vizinhas, em especial o Império Austro-Húngaro. Tal fato gerou enorme apreensão nas nações até o momento consideradas hegemônicas (França, Reino Unido e Rússia). Esses últimos assinaram o tratado denominado “Tríplice Entente”, que estabelecia o apoio mútuo caso algum deles fosse atacado.

A formação de grupos antagônicos resultou em uma intensa corrida industrial e bélica entre as nações envolvidas, principalmente a Alemanha e o Reino Unido. Deve-se ainda destacar, que ambas eram nações imperialistas e detinham controle sobre colônias na África e Ásia.

As disputas territoriais impulsionaram a indústria bélica, estimulando a corrida armamentista entre as nações. Ademais, outro fator acirrava as tensões no continente europeu: o forte e crescente nacionalismo presente desde o século XIX, sobretudo nos Balcãs.

Para os Balcãs convergiam as atenções das grandes potências da Europa, onde conviviam povos de diferentes etnias, culturas e religiões, fomentando sentimentos nacionalistas e acalentando sonhos de independência (MENDONÇA et al, 2008; IWAKURA, 2020). Em especial para o início do conflito foram o revanchismo francês, o pangermanismo e o pan-eslavismo (DARÓZ, 2016).

O revanchismo francês resultou da humilhação francesa após a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), com cessão aos alemães do território da Alsácia-Lorena.

O pangermanismo foi um movimento que tinha como finalidade aliar os países e territórios falantes de língua germânica, tendo como consequência, a celebração da aliança entre a Alemanha e o Império Austro-Húngaro.

O pan-eslavismo defendia a união de todos os povos eslavos do Leste Europeu sob a proteção da Rússia. Estes povos estavam, em sua maioria, sob domínio do Império Otomano ou do Império Austro-Húngaro. Este ainda objetivava expandir-se e dominar outros países de menor extensão na península balcânica. Tal fato levou ao acirramento das hostilidades entre Áustria e Sérvia, principalmente após 1908, quando o Império Austro-Húngaro anexou a Bósnia e a Herzegovina, impedindo a união destes com os sérvios. Motivados pelo pan-eslavismo, surgiram diversos grupos radicais de ideais nacionalistas na Sérvia (IWAKURA, 2020). Dentre eles, destacam-se o “Mão Negra” e o “Jovem Bósnia”, os quais iniciaram campanhas terroristas contra o Império Austro-Húngaro que tinham por objetivo assassinar autoridades.

O evento deflagrador do conflito foi o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro, e da duquesa Sofia de Hohenberg, durante visita a Sarajevo, capital da Bósnia-Herzegovina, a 28 de junho de 1914 (Figura 1). A data da visita foi vista com um desrespeito ou provocação aos grupos radicais nacionalistas, visto que representava o aniversário da derrota da Sérvia para o Império Otomano na dramática batalha de Kosovo, em 1389. Desta forma, um atentado foi planejado pelos grupos para o dia da visita, resultando na morte dos envolvidos acima mencionados.



Figura 1. O Atentado de Sarajevo. Fonte: Acervo Estadão. O Estado de S.Paulo – 29/06/1914.

Em 23 de julho de 1914, o embaixador do Império Austro-Húngaro na Sérvia entregou um ultimato ao Ministro das Relações Exteriores sérvio, numa clara afronta à soberania sérvia, com o intuito de provocar a guerra (DARÓZ, 2016). Como a resposta sérvia não foi dada dentro do prazo estabelecido, em 28 de julho de 1914, o Império Austro-Húngaro declarou guerra à Sérvia, apoiado pela Alemanha.



As alianças firmadas previamente desencadearam uma reação generalizada das nações envolvidas, mergulhando a Europa num cenário de “guerra total”. Após a declaração de guerra do Império Austro-Húngaro e Alemanha contra a Sérvia, a Rússia declarou seu apoio ao último. Posteriormente, o governo alemão declarou guerra à Rússia e à França, e no dia 4 de agosto de 1914 invadiu a Bélgica, uma nação neutra, a fim de abrir caminho para adentrar a França. Como resposta à violação da neutralidade da Bélgica e de Luxemburgo, o Reino Unido também entrou no conflito ao declarar guerra à Alemanha (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2021; IWAKURA, 2020).

Dessa maneira, a Europa foi dividida em dois blocos: as potências centrais denominadas “Tríplice Entente” (constituídas pela Alemanha e Império Austro-Húngaro) e as potências aliadas denominadas “Tríplice Entente” (constituídas pela França, Reino Unido e Rússia). Posteriormente, o Império Otomano declarou apoio às potências centrais, ao passo que a Itália declarou apoio às potências aliadas.

A guerra desencadeada, em virtude do sistema de alianças, envolveu celeremente as grandes potências, que possuidoras de colônias e interesses econômicos, atraíram para o conflito (a princípio europeu), nações de diferentes regiões do planeta, resultando na expansão a todos os continentes (MENDONÇA et al, 2008).

3.1 – O BRASIL E O CONFLITO

Em 26 de julho de 1914, data de início da Primeira Guerra Mundial, o Brasil tinha como presidente o Marechal Hermes da Fonseca nos seus últimos meses de governo. Seu sucessor a partir de 15 de novembro de 1914, Wenceslau Braz conviveu durante todo seu mandato presidencial com o conflito, que terminou apenas em 11 de novembro de 1914, ou seja, três dias antes do fim de seu mandato (DA SILVA, 2014).

Estando fiel à Convenção de Haia, o governo brasileiro adotou a posição de neutralidade perante o conflito, condição que estabelecia ao país o direito de ser respeitado pelas potências de guerra. Esta situação mudou a partir de 1917, devido a conduta do governo alemão de bloqueio naval e a campanha submarina que determinava contra as nações neutras. A Alemanha autorizou o torpedeamento de qualquer navio, mesmo pertencentes a países neutros, que penetrassem nas zonas de bloqueio, resultando na vulnerabilidade de navios mercantes brasileiros que transportavam mercadorias para a França e o Reino Unido, seus principais mercados no continente europeu (WILSON & HAMMERTON, 1999).

Dessa forma, em janeiro de 1917, o ministro das relações exteriores do governo alemão notificou o governo brasileiro a respeito do bloqueio marítimo, que incluía as regiões costeiras da França, Inglaterra, Itália e região central do mar mediterrâneo.

Durante o ano de 1917, diversos navios mercantes brasileiros foram torpedeados e afundados por submarinos alemães, dentre eles o navio mercante Panamá, no dia 3 de abril de 1917, pesando 6 mil toneladas (o maior cargueiro da América Latina), que navegava no Canal da Mancha há cerca de 10 milhas da costa ocidental francesa, indo em marcha reduzida, com as luzes acesas, em local iluminado e o nome do país visível em seu casco, com a bandeira e o distintivo da empresa pertencente corretamente içados, como era adotado pelos países neutros. Portanto, cumprindo-se todas as normas impostas para a navegação. Oito dias após, o governo brasileiro rompeu relações diplomáticas com a Alemanha, apesar de manter a política de neutralidade. Ademais, o afundamento do navio Panamá gerou intensas manifestações populares, resultando na queda do Ministro das Relações Exteriores Lauro Müller, o qual possuía ascendência germânica e apoiava a permanência da política de neutralidade. Houve ainda, ataques aos estabelecimentos comerciais e às propriedades de alemães e seus descendentes, corroborando para o rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha (MARTINS, 1997; FONSECA DE CASTRO, 2014). No dia 22 de abril de 1917, o Brasil revogou sua posição de neutralidade, declarando apoio aos Estados Unidos e aliados europeus.

Nos meses seguintes foram também torpedeados e afundados os navios brasileiros Tijuca, Lapa (ambos em maio), Acari e Guaíba (os últimos em outubro). Estes elementos contribuíram progressivamente para um posicionamento definitivo do Brasil frente ao conflito (BRUM, 2015).

Tais fatores associados ao intenso anseio popular e por parte da imprensa, levaram o Brasil a declarar oficialmente guerra as potências centrais com a assinatura do decreto nº 3.361 de 26 de outubro de 1917 (Figuras 1 e 2).



Figura 2. Wenceslau Braz assinando a declaração de Guerra. Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.



Figura 3... E Entramos na Guerra. Jornal Gazeta. Fonte: Biblioteca Nacional Digital, 2020.

Nos meses seguintes a ruptura das relações diplomáticas, foram confiscados pelo governo brasileiro um total de 42 navios de bandeira alemã, que estavam em portos brasileiros e que



corresponderam, naquela oportunidade, a um quarto da frota mercante brasileira (12). Um total de 1200 marinheiros alemães eram tripulantes desses navios retidos e cerca de 600 foram detidos e recolhidos ao Sanatório Naval de Nova Friburgo, onde uma infraestrutura foi criada pela Marinha do Brasil para abrigá-los (BOTELHO, 2010).

3.2 – PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA GUERRA

Com a entrada do Brasil no conflito e após a autorização do Congresso Nacional, o presidente Wenceslau Braz realizou a abertura dos portos brasileiros aos navios das nações amigas, assumindo ainda, a missão de patrulhar o Atlântico Sul, o que resultou na redução dos encargos às marinhas aliadas. No entanto, tal colaboração era limitada conforme às demandas impostas pela guerra e às nossas possibilidades. Os meios de transporte marítimos constituíam, naquele momento, sérios problemas para as potências aliadas. Desse modo, o governo brasileiro demonstrou um nobre propósito de também oferecer apoio material (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2017).

Por outro lado, enquanto uma parte da Marinha brasileira realizava o patrulhamento marítimo, a Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG), a qual era composta pelos mais bem equipados meios de que disponibilizavam as forças brasileiras, partiu em 7 de maio de 1918, para o continente europeu, com a finalidade de incorporar-se à Esquadra Britânica em Gibraltar (ROSA, 2017).

O Brasil também enviou um grupo de aviadores navais para a Inglaterra, onde em 1918, realizaram intenso treinamento e, posteriormente, participaram de missões juntamente com os aviadores da Royal Air Force. Além disso, aviadores brasileiros também serviram em bases britânicas e francesas, bem como oficiais do nosso Exército foram incorporados a diversos regimentos franceses de linha de frente, destacando-se em combate. Inclusive, muitos foram agraciados com condecorações por parte dos aliados (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2021).

Além disso, uma significativa colaboração para o esforço de guerra foi representada pela Missão Médica Militar Brasileira, a fim de instalar um hospital para o tratamento de feridos de guerra na França.

3.3 – A MISSÃO MÉDICA MILITAR BRASILEIRA

A Missão Médica Militar Brasileira talvez tenha sido a maior contribuição brasileira na guerra. A participação do país no conflito teve como grande influenciador o diplomata francês Paul Claudel, o qual serviu como ministro de segunda classe no Rio de Janeiro durante o período de fevereiro de 1917 e novembro de 1918. Com o objetivo de efetuar a diretriz política do governo francês para estreitar a cooperação entre o Brasil e a França sobre políticos brasileiros, como o ex-presidente Rodrigues Alves. Como consequência, ideias de colaboração entre os países tiveram origem, dentre elas, a missão médica (REYNAUD-PALIGOT, 2009).

Decorridos três anos de um conflito assolador, os países aliados encontravam-se em extrema necessidade de recursos logísticos, dentre os quais, os de saúde. Tais fatores associados a impossibilidade de enviar tropas e material bélico determinavam como adequada e de maior relevância, a possibilidade de cooperação do Brasil por intermédio de uma missão médica. Esta também foi considerada melhor executável em virtude do material humano não apresentar dificuldades significativas para mobilização (DA SILVA, 2014).

O presidente da república, Wenceslau Braz, a partir do decreto 13092 publicado no diário oficial da união em 10 de julho de 1918, formalizou a criação da Missão Médica Brasileira, em caráter militar, com a finalidade de auxiliar o serviço de saúde dos aliados e manter um hospital temporário na zona de guerra, com capacidade para 500 leitos (BRASIL, 1919).

A missão partiu em 18 de agosto de 1918, da Praça Mauá no Rio de Janeiro, no navio La Plata, em direção ao porto de Marselha. Era chefiada pelo médico e deputado federal José Thomaz Nabuco Gouveia, comissionado como Coronel e orientada pelo General Napoleão Aché, estando subordinada ao Comando Único dos Exércitos Aliados, sendo composta por 86 médicos (Figuras 4 e 5). Exceto cinco médicos do Exército e cinco médicos da Marinha, os demais foram convocados

e comissionados em patentes militares que variam de coronel a segundo tenente. Integram-na ainda, 17 estudantes de medicina, 16 outros elementos entre farmacêuticos, pessoal de intendência, secretários e contínuos, bem como 30 praças do exército indicados para constituir a guarda do Hospital Brasileiro, instalado na capital francesa. Estiveram também presentes 15 esposas de médicos, atuando como enfermeiras de campanha (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2021; MONTEIRO, 2014).



Figura 4. Foto da Missão Médica Especial com o presidente Wenceslau Braz ao centro.

Fonte: BIBLIEx. O Exército na História do Brasil.v.3.



Figura 5. A partida da Missão Médica. Jornal "A Época", edição de 19 de agosto de 1918.

Durante a travessia para a França, o navio La Plata precisou fazer algumas paradas na costa africana. Na cidade de Dakar, embarcaram no navio 1500 soldados senegaleses. Entretanto, além



destes, uma indesejada e mortal afecção acometeu a tripulação: a gripe espanhola, provocada pelo vírus Influenza A. Essa condição acometeu cerca de 95% dos tripulantes, culminando no falecimento de cinco brasileiros e dezenas de senegaleses.

Ao chegar a Paris em 27 de setembro de 1918, a missão médica brasileira foi dividida em dois contingentes. O menor se dirigiu para várias cidades menores do interior da França, ao passo que o maior contingente permaneceu na capital, onde foi instalado o Hospital Franco-Brasileiro (Figura 6). Este foi idealizado para atender os feridos oriundos dos campos de batalha, porém teve também papel fundamental no atendimento de civis acometidos pela epidemia de gripe espanhola (CBC, 1918).



Figura 6. O Hospital Franco-Brasileiro. Fonte: DA SILVA, Carlos Edson Martins, 2014, p.105.

Ocorreram 3 grandes ondas epidêmicas durante a gripe espanhola. A primeira, considerada a mais leve, ocorreu em agosto de 1918. A segunda, entre setembro de 1918 e janeiro de 1919, sendo considerada a mais grave e de maior letalidade. A terceira onda, ocorreu em fevereiro de 1919. Estima-se a ocorrência em torno de 40 a 50 milhões de óbitos no mundo (ZANIER, 2020).

A Missão Médica Brasileira chegou à França durante a segunda onda de pandemia. Esta peculiaridade criou um último impasse, uma vez que havia a pretensão brasileira ao prédio da Rue de Vaugirard, o qual era destinado a Assistência Pública de Paris para acolhimento dos pacientes civis acometidos pela gripe (SILVA, 2014).

Para resolver a situação, a missão brasileira assumiu a responsabilidade de prestar assistência ao seu corpo de saúde, bem como para todo e qualquer paciente civil acometida pela moléstia que a Assistência Pública de Paris encaminhasse ao hospital, arcando ainda, com todos os custos relacionados aos tratamentos. Dessa forma, foram encaminhados imediatamente, cerca de 200 pacientes gravemente enfermos pela gripe espanhola. Em virtude desses fatores inesperados, o objetivo central da missão foi parcialmente modificado. Entretanto, a possibilidade de participar de forma efetiva no combate a pandemia em conjunto do serviço de saúde francês foi amplamente aceito e bem recebido pelos integrantes da Missão Médica Brasileira.

Destaca-se ainda que a aceitação dessa tarefa fora recebida com entusiasmo pelas autoridades francesas, o que permitiu que alguns médicos brasileiros fossem convidados para atuarem em diversos hospitais fora da capital francesa, sendo distribuídos em outras cidades. Isso permitiu o contato dos médicos brasileiros com as linhas de frente e familiarização com as técnicas

cirúrgicas utilizadas pelo Serviço de Saúde Militar Francês, o que, futuramente, foi de grande valia ao trabalho no Hospital Franco-Brasileiro (DA SILVA, 2014).

Em concomitância aos atendimentos dos pacientes acometidos pela gripe espanhola, o intenso trabalho nas obras de reforma e adaptação do prédio da Rue de Vaugirard seguiu, com o intuito de construir um ambiente hospitalar adequado e eficiente para o atendimento às vítimas de guerra. O tempo para sua ativação foi de um mês e meio, um prazo extraordinário se comparado a outros hospitais com instalações similares (BOHRER, 2019).

Ativado o Hospital Franco-Brasileiro, este possuía estruturas modernas e bem organizadas de salas de operações, enfermarias, salas de curativos, instalações de radiologia, fisioterapia, rouparia, refeitório, salão de leituras para os doentes e sala de banhos e duchas. Havia também nos anexos, uma cozinha a vapor, uma lavanderia com capacidade para esterilização de roupas e uma grande sala de hidroterapia. Dentre os hospitais mantidos por diferentes governos que também forneceram auxílio médico à França, nenhum era mais completo que o Franco-Brasileiro, o qual foi considerado um hospital modelo pelo General Férvier, inspetor geral sanitário da região (KROEFF, 1968).

O Hospital Brasileiro recebeu somente casos de maior gravidade, mantendo plenamente ocupados os 360 leitos disponíveis, desde o momento de sua efetivação (Figura 7).



Uma das enfermarias do hospital brasileiro em Paris. O Dr. Mario Kroef (x) chefe de serviço de cirurgia tendo a seu lado Djalma Jobin e enfermeiras francezas rodeadas de *poelus* feridos.

Figura 7. O Hospital Brasileiro em Paris. FON-FON em Paris. Rio de Janeiro, ano 13. n.44. 1 nov.1919. p. 42.

O fim da Primeira Guerra Mundial ocorreu em 11 de novembro de 1918, com a assinatura do armistício. No entanto, tal marco não significou o encerramento das necessidades de apoio de saúde aos franceses, uma vez que ainda havia muitos feridos, notadamente, como consequência do intenso esforço aliado nos episódios sangrentos oriundos da “ofensiva dos cem dias”. Dessa maneira, a Missão Médica Brasileira continuou atuando no Hospital Franco-Brasileiro atendendo os feridos de guerra e os pacientes acometidos pela gripe espanhola. Em 17 de dezembro de 1918, o Ministério do Exterior determinou o início da desmobilização gradativa e a Missão Médica Militar foi oficialmente extinta em 19 de fevereiro de 1919.

Na data de término oficial da missão, o Hospital Franco-Brasileiro para as Vítimas da Guerra ainda continha sob seus cuidados 360 pacientes baixados em diferentes clínicas. O hospital ficou sendo chefiado pelo Coronel-Médico Rodrigo de Araújo Aragão Bulcão, o qual pertencia a Missão Militar junto aos aliados e não à Missão Médica Brasileira (GIORGIS, 2013; BENTO, 2014).



As instalações e os materiais do Hospital Franco-Brasileiro foram doados para a Faculdade de Medicina de Paris, com a aprovação para o recebimento ocorrendo em 16 de julho de 1920 e sua adaptação a um serviço de cirurgia da universidade, tornando-se uma das melhores escolas para a formação de clínica cirúrgica (FRANÇAISE, 1920; O PAIZ, 1919).

Médicos brasileiros participantes da missão foram homenageados pela Universidade de Paris, dando seus nomes às enfermarias do hospital (KROEFF, 1968; DELAVIERRE, 1978). Alguns receberam também foram agraciados com a Comenda da Legião de Honra e Título de Oficial da Instrução Pública da França. Em 1968, a administração geral do hospital foi passada à Assistência Pública-Hospitals de Paris-AP – PH.

Atualmente, nos jardins do Hospital de Vaugirard, encontra-se uma placa de bronze alusiva à Missão Médica Brasileira (Figura 8). Nela está presente a inscrição: “Aqui ficava o Hospital Franco-Brasileiro para feridos de guerra, criado e mantido pela colônia brasileira de Paris como uma contribuição à causa aliada 1914-1918. Placa inaugurada por ocasião do 80º aniversário da presença na França da Missão Médica Especial Brasileira”.



Figura 8. Placa alusiva ao 80º aniversário da MMB. Fonte: <http://memorial14-18.paris.fr/>

4. CONCLUSÃO

Com bases nos aspectos observados no presente estudo foi possível concluir que a participação do Brasil, único país latino-americano beligerante envolvido, na Primeira Guerra Mundial, apesar do curto período de duração, foi de extrema relevância no apoio aos países aliados, notadamente por intermédio da Missão Médica Militar Brasileira e instalação do Hospital Franco-Brasileiro. É importante destacar também a atuação de médicos junto às tropas aliadas nas regiões com necessidade de reforço nos atendimentos de saúde.

Durante o período de funcionamento, o Hospital Franco-Brasileiro teve imensurável feito na assistência aos feridos nos campos de combate e aos pacientes acometidos pela gripe espanhola, permanecendo atuante mesmo após a assinatura do armistício em 11 de novembro de 1918 na prestação de socorro às vítimas da pandemia.

O reconhecimento por parte das autoridades francesas se deu por meio de homenagens alusivas, criação de enfermarias no hospital da Universidade de Paris com nome de médicos brasileiros e condecorações de membros da missão com a Comenda da Legião de Honra e Título de Oficial de Instrução Pública da França. Ademais, a experiência de aprendizagem no conflito possibilitou a permanência de diversos médicos na Europa.

A Missão Médica Brasileira deixou um enorme legado para a história do país. Contudo, apesar das inúmeras ações e realizações, há esquecimento e desconhecimento da mesma e de seus componentes por parte do público geral. Este estudo procurou esclarecer e detalhar a participação brasileira na Primeira Guerra Mundial, com enfoque na Missão Médica Militar e dessa forma contribuir para uma melhor compreensão e conhecimento a respeito do tema.

REFERÊNCIAS

- BENTO, C. M. O exército e a marinha na 1ª Guerra Mundial (1914-18). *Informativo Guararapes*, Resende, 2014. Disponível em: <http://www.ahimtb.org.br/ahimtb/EBMB1GM.htm>. Acesso em: 18 Jul. 2021.
- BOHRER, G. G. et al. **Missão médica brasileira na primeira guerra mundial**. 2019.
- BOTELHO, JANAINA. **O sanatório naval em Nova Friburgo**: o caso do Campo de Internação. Parte VII. *História e Memória de Nova Friburgo*. Disponível em: http://historiadefriburgo.blogspot.com.br/2010/05/o-sanatorio-naval-em-nova-friburgo-o_09.html. Acesso em: 17 Jul. 2021.
- DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO (DOU). Relatório enviado pelo chefe da Missão Médica Especial em caráter militar ao ministro da Guerra. *Jus Brasil*, 2 junho 2014. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/1748983/pg-14-secao-1-diario-oficial-da-uniao-doude-14-03-1919/pdfView>. Acesso em: 18 Jul. 2021.
- BRUM, C. **A Missão Médica Brasileira na Primeira Guerra Mundial através de relatos de seus participantes**. Oficina do Historiador, 2015.
- BRUM, C. E. D. **O Interventor da Saúde, Trajetória e pensamento médico de Bonifácio Costa e sua trajetória no Departamento Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul**. Universidade do Vale dos Sinos. São Leopoldo. 2013.
- CBC, B. Cultura. **A cirurgia brasileira na Primeira Guerra Mundial**. Cultura. p. 10–11, 1918.
- SILVA, Carlos Edson Martins da. A Missão Médica Especial brasileira de caráter militar na Primeira Guerra Mundial. *Navigator*, v. 10, n. 20, p. 94-108, 2014.
- DARÓZ, Carlos. **O Brasil na Primeira Guerra Mundial: a longa travessia**. Editora Contexto, 2016.
- DELAVIERRE, P. L'hôpital de Vaugirard: des origines à nos jours. *Histoire des Sciences Médicales*, Paris, 2, n. Tome XII, 1978. 153 a 161. Disponível em: <http://www.biusante.parisdescartes.fr/sfhm/hsm/HSMx1978x012x002/HSMx1978x012x002x0153.pdf>. Acesso em: 28 Abr. 2021.
- DIRETORIA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DO EXÉRCITO (Brasil). **18 DE AGOSTO - Partida da Missão Médica Especial para a 1ª. Guerra Mundial (1918)**. Diretoria de Patrimônio Histórico e Cultural do Exército, 2016. Disponível em: http://www.dphcex.eb.mil.br/index.php?option=com_content&view=article&id=279:18-de-agosto-partida-da-missao-medica-especial-para-a-1-guerra-mundial-1918&catid=39&Itemid=300. Acesso em: 28 Abr. 2021.
- EXÉRCITO BRASILEIRO (Brasil). **A participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial**. Exército Brasileiro. Disponível em: http://www.eb.mil.br/oexercito?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_assetEntryId=1554899&_101_type=content&_101_urlTitle=a-participacao-do-brasil-na-primeira-guerra-mundial&inheritRedirect=true. Acesso em: 27 Jun. 2021.
- EXÉRCITO BRASILEIRO (Brasil). **Centenário do ingresso do Brasil na Primeira Guerra Mundial**. Exército Brasileiro, 2017. Disponível em: http://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/asset_publisher/MjaG93KcunQl/content/centenario-do-ingresso-do-brasil-na-primeira-guerra-mundial. Acesso em: 27 Jun. 2021.
- CASTRO, Adler Homero Fonseca de. O Brasil na 1ª Guerra Mundial e a DNOG. *Grandes Guerras, Artigo do front*, 12 maio 2014. Disponível em: http://www.grandesguerras.com.br/artigos/text01.php?art_id=6. Acesso em: 17 Jul. 2021.
- FRANÇAISE, R. S. Planejamento de Adaptação do Hospital Militar Brasileiro em serviço de Cirurgia da Universidade de Paris. Ata da Comissão de Finanças de 31 de julho. Paris: Senado da França. 1920. p. Processo Verbal no 66.
- GIORGIS, L. E. C. José Pessoa e a 1ª Grande Guerra. *Informativo Guararapes*, Resende, fevereiro 2013. Disponível em: http://www.ahimtb.org.br/guarara_20_2013.htm. Acesso em: 18 Jul. 2021.
- IWAKURA, Mayra. **A participação da saúde operativa do exército na I GM**. -, 2020.



- KROEFF, M. Missão Médica Militar- Discurso proferido na Academia Brasileira de Medicina Militar. **Boletim Informativo da Academia Brasileira de Medicina Militar**, Rio de Janeiro, v. VI, n. NÚMERO 1, pp. 426 a 446, 16 janeiro 1968. Discurso proferido na Academia Brasileira de Medicina Militar pelos 50 anos da Missão Médica.
- MARTINS, H. L. **Participação da Marinha Brasileira na Primeira Grande Guerra** o Brasil na Guerra. In: MARINHA, S. D. D. D. *História Naval Brasileira, Vol. Quinto, Tomo I B*. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 1997.
- MENDONÇA, Valterian Braga et al. **A experiência estratégica brasileira na Primeira Guerra Mundial, 1914-1918**. Monografia (Universidade Federal Fluminense), 2008.
- MONTEIRO, M. Especial 100 anos da I Guerra: um hospital brasileiro em Paris. **Zero Hora, Caderno Proa**, 28 junho 2014. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2014/06/um-hospital-brasileiro-em-paris-4536781.html>. Acesso em: 18 Jul. 2021.
- O PAIZ. O Hospital Brasileiro na França. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 11 outubro 1919. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 18 Jul. 2021.
- REYNAUD-PALIGOT, C. Paul Claudel au Brésil: un diplomate face à l'altérité brésilienne. In: UNIVERSITÉ DE FRANCHE-COMTÉ, 1.-1. J. 2. *Claudel politique*. Lons-le-Saunier: Aréopage, 2009. pp. 375-382.
- ROSA, Maria. **O cenário internacional sob o olhar da imprensa regional: o jornal A Federação e a Primeira Guerra Mundial**. 2017.
- WILSON, H.W. & HAMMERTON, J.A. (EDS). **The great war: the illustrated history of the First World War** vol. V. In: _____. *The great war: the illustrated history of the First World War*-ISBN-10: 1582790264. Londres: Tradi Press international; Reprint edition (Dec 1999), 1999.
- ZANIER, Alexandre. **A participação da saúde operativa do exército na 1ª GM**. 2020.